BEM INFORMADO
BELO HORIZONTE
SETEMBRO DE 2012
ANO 06 | Nº 56

IEPHA
GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Transporte ferroviário no Brasil deixa legado na arquitetura e identidade do povo mineiro

_____ Páginas 10 e 11

Acervo Iepha/MG

Prédios da Estação Central do Brasil e da Rede Mineira de Viação se destacam na paisagem de Belo Horizonte

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?

_____ Confira na página 08

Com a chegada das chuvas, é hora de cuidar da prevenção

_____ Página 05

Entrevista: Pesquisadora fala de seus estudos sobre a rica imaginária processional mineira

_____ Páginas 06 e 07

Impresso Especial
7397091256-DR/MG
IEPHA/MG
...CORREIOS...

Palavra do Presidente

fernando.cabral@iepha.mg.gov.br

Neste mês encerramos as comemorações dos 40 anos do Iepha e celebramos o seu 41º aniversário. Durante este ano comemorativo, muitos eventos e conquistas aconteceram, fortalecendo o nosso rico patrimônio e o nome do Iepha-MG no cenário estadual e nacional.

A conquista de uma sede própria – antigo anseio da casa – se torna realidade. Em breve passaremos a ocupar o prédio que hoje é sede da Codemig.

Por nossa iniciativa, juntamente com os órgãos de preservação de Pernambuco, Bahia e Espírito Santo, foi realizado o primeiro encontro das instituições estaduais de preservação do patrimônio, que deu origem ao fórum permanente, que acaba de se reunir em Brasília (veja matéria na página 03), buscando o fortalecimento das políticas de proteção.

No mês passado, o Iepha promoveu, em parceria com Faop, Circuito Cultural Praça da Liberdade, Rede Globo Minas e Sesc MG, a primeira edição do Dia do Patrimônio, que levou à Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, durante um dia inteiro, exemplos de manifestações culturais tradicionais de nosso Estado, numa bela e inesquecível festa. O sucesso da iniciativa só foi possível graças ao apoio de diversas empresas, fortalecendo nossa crença de que, para o trabalho de proteção ao patrimônio, a união de forças é fundamental.

Ao longo deste ano comemorativo, foram promovidas cinco edições do Iepha Discute, encontros para conversas sobre o patrimônio cultural. Tivemos como convidados um dos fundadores do Iepha, o poeta Affonso Ávila; o músico Carlinhos Brown; a coordenadora de Cultura da Unesco e ex-presidente do Iepha, Jurema Machado; o promotor de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas, Marcos Paulo de Souza Miranda; e o secretário municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano de Ouro Preto, Gabriel Gobbi; com abordagens diferenciadas sobre o patrimônio e sua preservação. Uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais encantou a todos, durante evento que contou também com o lançamento do selo comemorativo dos Correios alusivo aos 40 anos da nossa instituição.

Muitas outras iniciativas foram realizadas. Comemoramos à altura as quatro décadas do Iepha que, a cada ano, se consolida como instituição de referência na área da preservação. Esse reconhecimento se deve, sobretudo, a uma equipe dedicada, que acredita e abraça a causa da proteção e defesa do patrimônio cultural. Parabéns ao Iepha e a todos os servidores. Com envolvimento e determinação faremos com que os 41 anos do Instituto possam ser muito mais celebrados!

Fernando Viana Cabral
Presidente

Perda para o patrimônio

Faleceu em Belo Horizonte, no dia 26 deste mês, Affonso Ávila, um dos fundadores do Iepha/MG. Poeta, ensaísta e estudioso do Barroco, Affonso desde cedo engajou-se no jornalismo e na vida literária. Entre seus livros de poemas destacam-se *Código de Minas, Cantaria Barroca* e *Discurso da Difamação.* Em 2011, foi agraciado com o Prêmio Minas de Literatura, pelo conjunto de sua obra.

Criador da revista Barroco, Affonso Ávila teve grande atuação na área do patrimônio cultural, não só em Minas, mas também como membro de instituições nacionais e internacionais.

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Governador: Antônio Augusto Anastasia
Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
Secretária: Eliane Parreiras
Secretária adjunta: Maria Olívia de Castro e Oliveira

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS
Presidente: Fernando Viana Cabral
Vice-presidente: Pedrosvaldo Caram Santos
Chefe de Gabinete: Danielle Faria
Diretor de Conservação e Restauro: Renato César J. de Souza
Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças: Dirceu Alves Jacome Júnior
Diretora de Proteção e Memória: Angela Maria Ferreira
Diretora de Promoção: Marília Palhares Machado

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)
Textos: Adalberto Andrade Mateus (MG 17581JP) e Érika Santos (MG 012987JP)
Diagramação: Pablo do Prado Soares
Fotos: Izabel Chumbinho
Impressão em papel Reciclato 90g/m²
Tiragem: 2.600 exemplares – Periodicidade: mensal
Impressão e acabamento: Rona Editora

Praça da Liberdade, s/nº – 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte – MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Instituições estaduais unidas na defesa do patrimônio cultural

Foi um sucesso o Encontro Nacional das Instituições Estaduais de Preservação do Patrimônio Cultural, que aconteceu em Brasília, entre os dias 10 e 12 de setembro. Em sua segunda edição, o encontro foi aberto pelo secretário de Cultura do Distrito Federal, Hamilton Pereira. Fernando Cabral, presidente do Iepha e um dos organizadores, falou sobre *O poder da polícia de fato e de direito na preservação do patrimônio cultural*. Jurema Machado, coordenadora de cultura da Unesco e ex-presidente do Iepha, abordou o tema *A missão e o papel da Unesco na preservação do patrimônio cultural*.

A Carta de Recife – documento produzido ao término do primeiro encontro, realizado em abril deste ano – foi lida novamente. Algumas sugestões foram acrescentadas ao seu texto, por exemplo a importância de se reforçar a luta nacional pela aprovação da PEC 150 que, caso aprovada, aumentará os recursos destinados à área de cultura pela União: de uma média de 0,6% para 2% do orçamento federal, o que significa, em valores atuais, um aumento aproximado de R$ 1,3 bilhão para R$ 5,3 bilhões.

Ao término do encontro foi assinado o protocolo que institui o Fórum Nacional das Instituições Estaduais de Preservação do Patrimônio Cultural, reunindo 19 estados e tendo como presidente, Fernando Cabral (MG), vice-presidente, Severino Pessoa (PE), secretário executivo, Frederico Mendonça (BA) e subsecretária adjunta, Érica Rocha (PE). Também foram votados cinco coordenadores regionais.

Divulgação

Fernando Cabral, presidente do IEPHA/MG; Severino Pessoa, presidente da Fundarpe; e Frederico Mendonça, presidente do IPAC/BA

O Encontro Nacional aconteceu dentro do seminário *Políticas de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro*, que tinha por objetivo discutir as políticas públicas voltadas para valorização e preservação de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade. A iniciativa integra o projeto 2012 – Ano de Valorização de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Iepha esclarece dúvidas do ICMS Cultural

No último dia 17, dezenas de representantes de municípios mineiros se reuniram no Iepha para a 2ª Rodada do ICMS. Técnicos e analistas da Diretoria de Promoção se revezaram para esclarecer as dúvidas sobre a Deliberação 02/2012, que versa sobre o repasse de recursos estaduais aos municípios via ICMS Patrimônio Cultural, que vale para o exercício 2014.

Cerca de 90 pessoas, entre membros de Conselhos Municipais de Patrimônio e servidores do Setor de Patrimônio Cultural da prefeitura, puderam esclarecer dúvidas e sugerir pequenas concessões. Segundo Marília Palhares Machado, diretora de Promoção do Iepha, a presença dos representantes dos municípios foi muito boa, principalmente por serem de diversos pontos do estado. "O fato de ter sido transmitido ao vivo pela internet ajudou a alcançar outras diversas pessoas que não conseguiram vir. Isso mostra o interesse das pessoas em aprender mais sobre o ICMS", comenta.

Ainda visando ao esclarecimento de dúvidas, já está disponível no site do Iepha uma deliberação comentada, bem como as repostas às dúvidas enviadas por email e solucionadas durante a rodada.

Rodadas do Interior

Durante o mês de outubro, outros cinco encontros serão realizados. A equipe da DPR irá ao interior do estado, em cidades onde a Secretaria de Estado de Cultura possui Núcleos de Interiorização de Cultura. A primeira cidade será Governador Valadares, dia 2; seguida por Uberlândia, dia 10; Araçuaí, dia 17; Pouso Alegre, dia 24; e São João Del Rei, dia 31.

As datas de inscrição para as Rodadas do Interior já estão definidas. Para participar em Uberlândia, a inscrição vai do dia 24 a 28/9; Araçuaí, do dia 1º a 05/10; Pouso Alegre, de 08 a 15/10 e São João Del Rei, de 16 a 22/10. Informações no site do Iepha www.iepha.mg.gov.br.

Oliveira saúda Nossa Senhora do Rosário

Lucia Cunha/Gazeta de Minas

Uma das representações mais populares de Maria, em Minas, Nossa Senhora do Rosário é saudada com uma grande festa em Oliveira, a 165 quilômetros da capital, durante uma semana do mês de setembro. "É uma grande e significativa demonstração de religiosidade, de alegria e encantamento", atesta Heraldo Laranjo, arquiteto e morador da cidade.

Criada em 1813, a Irmandade do Rosário é responsável pela tradicional festa, também chamada de Congado. Segundo Luiz Gonzaga da Fonseca, em seu livro História de Oliveira, por ter nascido em um dos maiores centros escravagistas do Oeste de Minas, a irmandade oliveirense teve grande poder. Em 1826, o então arraial contava com 2.079 habitantes, dos quais 877 eram africanos (ou descendentes), ou seja, quase metade da população. Durante as primeiras décadas do século XX a festa foi proibida e só retornou em 1950, graças ao capitão-mor Geraldo Bispo dos Santos, que foi o responsável pela sua realização até em 1975, quando veio a falecer.

Todos os anos o Congado é aberto, ainda no sábado, pelo Boi do Rosário. Não se sabe ao certo quando surgiu, mas, desde sua criação, tem servido como principal atração da Festa. O desfile começa na Casa dos Congadeiros, segue pelo centro da cidade em direção ao bairro São Sebastião. E mesmo à grande distância, se ouvem as vozes do que acompanham o boi, sobretudo o grito das crianças entoando "ê boi, ê boi, ê boi...".

Um homem com uma vara na mão dança acompanhando o boi, como se tentasse domar o animal, que investe em carreiras na direção das pessoas, abaixando e levantando a cabeça. Quem se veste representando o Boi do Rosário demonstra grande dedicação, pelo grande desgaste físico experimentado e ferimentos provocados pela armação de ferro presa às costas, mesmo com toda a proteção envolvendo a estrutura.

Logo pela manhã é realizada a Missa Conga – celebração litúrgica com canto dos congadeiros e leituras bíblicas que falam de Nossa Senhora – na Matriz de São Sebastião.

Na Praça XV de Novembro, são celebrados os reinados: Nossa Senhora do Rosário (domingo e segunda-feira), Nossa Senhora das Mercês (terça e quarta-feira), São Benedito (quinta-feira), Santa Efigênia (sexta-feira) e Nossa Senhora Aparecida (sábado). No domingo, último dia, acontece a procissão e descimento dos mastros.

Sérgio H. Diniz

O Pai e os Sete Irmãos do Rosário – os grupos chamados ternos, ou guardas, que formam uma irmandade têm como mãe Nossa Senhora do Rosário e apresentam características peculiares. Caboclinho, Marujo e Cavaleiros de São Jorge são os irmãos que não fazem parte do Reinado em Oliveira. A festa na cidade conta hoje com o pai e os irmãos:

O pai de todos é o **Candombe**, que não desfila, apenas em ocasiões especiais e, assim mesmo, à noite para tocar em casa de rei ou rainha conga. Os dançantes usam roupa branca, pés descalços, calças curtas, faixa amarela na cintura, blusa solta com gola aberta em ângulo reto. No pescoço, toalha branca e rosário de lágrimas.

O **Congo**, irmão mais velho, tem função de guarda-coroas para reis e rainhas e usa capacete. Sobre a calça, um saiote rosa, rosário a tiracolo da esquerda para direita.

O **Moçambique** é o terno que mais caiu no agrado em Minas Gerais. Dizem ter sido o preferido de Chico Rei. Tem função de puxar o cortejo e escoltar as coroas. Usa lenço na cabeça, rosário, saiote e gungas nos pés.

O **Catopé** representa o índio africano que se incorporou à irmandade do Rosário, cumprindo a função de alegrar o ambiente com sua música. Usa fardamento branco com boina, rosário a tiracolo, da esquerda para direita, sendo que os guardas tocam o ganzuá ou ganzá, que traz fitas coloridas como enfeite.

O **Vilão** é o irmão caçula. Sua função é de batedor, isto é, abrir caminhos para passagem do cortejo e sinalizar se houver perigo. Usa calça e camisa brancas com colete e chapéus de palha. O terno de vilão de Oliveira é um dos mais antigos e tradicionais.

Extraído de folder para Educação Patrimonial criado por Heraldo Laranjo

Chuvas: prevenir para proteger

Entulhos acumulados no terreno devem ser retirados antes do início das chuvas

Com a chegada do período das chuvas, algumas medidas simples podem ser adotadas para a preservação do acervo cultural. São cuidados de conservação preventiva que os proprietários e responsáveis pelos bens culturais devem tomar para evitar que danos maiores sejam causados ao patrimônio.

Inicialmente é preciso observar a edificação ou obra de arte como um todo, identificando possíveis agentes causadores de deteriorações. Em seguida, é necessário tomar as providências para solucionar os problemas identificados. A seguir, são apontadas algumas dicas de cuidados para prevenir os danos, especialmente antes e durante o período de chuvas.

Na área externa da edificação:

- Retirar folhas e outros materiais acumulados no terreno;
- Não deixar materiais de construção ou entulho acumulados em cantos de muros nem dispersos pelo terreno;
- Observar o acúmulo de poças de água e providenciar a drenagem da água, caso necessário;
- Observar a movimentação de encostas existentes no entorno do imóvel.

Na cobertura:

- Inspecionar o telhado, calhas e condutores de água antes e depois do período de chuvas;
- Nunca fazer a inspeção ou troca de elementos com as telhas molhadas;
- Verificar se as calhas e os condutores estão bem fixados e se as paredes vizinhas estão impermeabilizadas, fazendo manutenção corretiva, caso necessário;
- Verificar se as calhas estão bem dimensionadas, se têm caimento suficiente e se este está dirigido para os condutores de descida de água;
- Verificar se as argamassas de aderência dos rufos e telhas estão em bom estado;
- Limpar e recuperar as partes danificadas do telhado com frequência, principalmente calhas e condutores;
- Substituir telhas danificadas observando a posição e o encaixe das peças;
- Recolocar telhas deslocadas em sua posição original;
- Em lajes planas, verificar a condição da impermeabilização e fazer a manutenção necessária.

No interior da edificação:

- Inspecionar os ambientes após chuvas fortes para verificar existência de goteiras e infiltrações;
- Verificar se as esquadrias estão em boas condições (alinhadas, sem frestas) a fim de evitar a entrada de água e possível comprometimento de pisos e forros, principalmente os revestimentos de madeira;
- Substituir vidros quebrados de janelas e portas;
- Permitir ventilação dos ambientes para evitar excesso de umidade nas superfícies e proliferação de mofo;
- Verificar infiltração de água no quadro geral de energia, em pontos de luz ou em caixas de passagem, acionando assistência técnica especializada para sanar o problema.

Elementos artísticos:

- Remover os objetos de locais com excesso de umidade ou que apresentem problemas como goteiras e infiltrações até que estes sejam sanados;
- Monitorar possíveis alagamentos no entorno da edificação que guarda acervo para que este possa ser retirado em tempo hábil do local;
- Em caso de absorção de umidade excessiva pelo bem, seja por acidente ou por capitação de umidade do ar, não provocar secagem forçada ao sol ou com ventilação artificial; deixar secar naturalmente, se possível com aproximação de sílica gel;
- Monitorar objetos guardados no interior de armários, nichos ou vitrines que podem, por pequenas frestas, absorver muita umidade e calor, gerando um microclima propício à proliferação de insetos e/ou microorganismos;
- A temporada de chuvas coincide com alto aquecimento solar, por isso é preciso ficar atendo às mudanças bruscas de temperatura e umidade no ambiente que abriga bens móveis, deixando-os em local mais arejado, evitando-se exposição à luz solar e umidade ou respingos de chuvas.

Em caso de necessidade de intervenções na edificação (reformas, acréscimos, colocação de equipamentos novos, mudança de uso etc), ou em bens móveis e integrados (eliminação de fungos ou quaisquer danos causados por excesso de umidade e/ou calor), solicitar ao Iepha assessoria técnica. Em caso de emergência, contatar a Defesa Civil Municipal, a Polícia Militar ou o Corpo de Bombeiros.

Fotos Acervo Iepha/MG

Telhas devem estar bem encaixadas e em bom estado

Fonte:
- DINIZ, W; SOUZA, L. A. C. Manual de Conservação preventiva do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG; IEPHA, 2002.
- SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO E PATRIMÔNIO. Manual de Obras Públicas -Edificações: Práticas da SEAP. São Paulo: SEAP, s/d.
- IPHAN. Manual de conservação preventiva para edificações. Programa Monumenta; IPHAN, s/d.

ENTREVISTA – Maria Regina Emery Quites

Imersa no patrimônio mineiro desde

Acervo Pessoal

Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Maria Regina Emery Quites é professora do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes da UFMG, com atuação no Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor).

Vice-presidente do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (Ceib) e doutora em História pela Unicamp, Maria Regina tem suas pesquisas voltadas para os temas da escultura em madeira policromada, imagens de vestir e as técnicas construtivas e critérios de conservação-restauração. Nesta entrevista, são abordados alguns aspectos de sua experiência profissional e sua pesquisa com relação às imagens de vestir, tema estudado em sua formação acadêmica.

Quando começou a sua relação com o patrimônio cultural?

Nascida em Santa Bárbara, percorri, desde pequena, as belezas do patrimônio mineiro ao meu redor, na formosa Catas Altas, no Caraça do lobo, Brumal e sua cavalhada etc. Em especial, a Igreja Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara, me encanta até hoje; parecem inesgotáveis os detalhes que ao longo dos anos continuo encontrando, toda vez que lá entro.

Você participou da publicação *Preservando nosso patrimônio cultural*, da Editora UFMG, juntamente com Attilio Colnago. Como foi escrever um texto voltado para a questão didática do tema e com linguagem mais próxima do grande público?

Foi uma oportunidade oferecida pela Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, com a publicação de várias cartilhas didáticas abertas a várias áreas. No momento, preocupada com a educação patrimonial e com a parceria do restaurador, artista e colega de curso, Attilio Colnago, tivemos a ideia de levar ao público leigo o que significava a preservação do nosso patrimônio. A linguagem próxima do leigo foi tranquila, abandonamos o jargão da área e fizemos uma analogia do conservador-restaurador com o médico; ambos fazem exames, diagnósticos e determinam um tratamento, que pode ser preventivo ou curativo.

Em seu mestrado você voltou os olhos para a imaginária processional usada nas cerimônias da Semana Santa em Minas Gerais. Foram muitas as descobertas durante o processo de pesquisa?

Já fui questionada várias vezes sobre o motivo de pesquisar a imaginária processional, considerada por muitos "de mau gosto", imagens com os cabelos naturais e vestes que trazem para alguns um realismo assustador. Mas, para mim, é parte de minha identidade cultural; desde criança acompanhava as procissões, participava das cerimônias e cheguei a cortar meus cabelos, aos 10 anos, e doar para fazer uma peruca para Nossa Senhora das Dores. Portanto, foi muito natural escolher este tema para o mestrado. A pesquisa levou-me a descobrir caminhos importantes no estudo da técnica construtiva, por exemplo, a engenhosidade das articulações encontradas nos ombros e cotovelos, que, apesar de vários modelos, tem origem milenar. Estudando o cerimonial da Paixão de Cristo encenado nas comunidades pesquisadas, entramos em contato com a essência da imaginária devocional mineira.

Você integra os primeiros quadros de sócios do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – Ceib – criado em Belo Horizonte, em 1996. A imaginária brasileira, em especial a mineira, tem sido mais pesquisada desde então?

Com certeza, a ideia surgida de uma conversa entre as professoras Myriam Ribeiro e Beatriz Coelho, há 16 anos, que resultou na criação do Ceib, foi fundamental para alavancar a pesquisa da escultura brasileira. Com quatro revistas publicadas, mais de 50 boletins e sete congressos realizados, o Ceib é hoje referência para quem quer se associar a um grupo de pesquisadores nacionais e internacionais na área. Sem fins lucrativos e com membros que fazem trabalho voluntário, o Ceib recebe pessoas interessadas em aprofundar

sempre

conhecimentos sobre a imaginária devocional no Brasil, incluindo historiadores, historiadores da arte, conservadores, restauradores, museólogos, arquitetos, colecionadores e estudantes.

A associação vem mantendo intercâmbio com pesquisadores de outros países, tendo grande interesse nos estudos realizados na América Latina, em Portugal, Espanha e Bélgica, que possam estar relacionados com a produção brasileira, envolvendo áreas conexas, que possam trazer subsídios ao conhecimento das esculturas, como a pintura e a talha. Os principais enfoques são: história, função social, iconografia, autorias e atribuições, materiais empregados, técnicas, conservação e restauração.

Fale um pouco sobre a tese de doutorado *Imagem de Vestir: revisão de conceitos através do estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil,* que é uma das vertentes de sua pesquisa sobre as imagens de vestir.

A tese de doutorado foi a continuidade do mestrado, uma necessidade de abrangência nacional das imagens de vestir e, por isto, a pesquisa enfoca, principalmente, o estudo das imagens de vestir, dentro do contexto das Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil, fazendo um estudo comparativo entre as ordens litorâneas (Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) e as ordens em Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei e Diamantina). Analisam-se os aspectos históricos, iconográficos, técnicos, entre outros, que envolvem as imagens e suas práticas devocionais, cotejando com a documentação primária e secundária das respectivas ordens. É importante enfatizar uma revisão dos conceitos sobre esta relegada categoria escultórica, bem como o resgate e preservação deste grande acervo, demonstrando a existência de diferenças regionais e sua relevância para a história da arte. Essas imagens são uma particular interpretação da escultura devocional e, principalmente, uma importante manifestação da cultura brasileira, que deve ser valorizada e preservada.

Essas imagens têm recebido atenção que garanta sua preservação? Seus aspectos iconográficos e devocionais têm sido transmitidos às novas gerações de seus zeladores?

Por suas características técnicas, é muito fácil que uma imagem de vestir sofra uma intervenção que altere sua iconografia, basta que sejam substituídas suas vestes, atributos e acessórios e ela poderá ser transformada em outra imagem. Encontrei exemplos desta prática em locais estudados. Encontrei também acervos pelo Brasil afora totalmente abandonados. No caso do acervo dos terceiros franciscanos, com a extinção da Procissão de Cinzas, as imagens foram abandonadas. Portanto, creio que ainda há muito por fazer em termos de valorização e preservação de acervos no Brasil.

As imagens de vestir sempre foram acompanhadas por um grande cuidado e, sobretudo, respeito por suas comunidades e devotos que, até mesmo, importavam vestes. O acervo de vestimenta dos séculos XVIII e XIX dessas imagens é expressivo em Minas Gerais?

A imagem de vestir historicamente sempre foi muito bem cuidada por seus devotos e irmandades religiosas, como vemos nos documentos de irmandades e, posteriormente, pelas famílias tradicionais católicas que assumiram o papel de cuidadoras de parte deste acervo, principalmente aquele utilizado, até hoje, na Semana Santa. Entretanto, o acervo de vestimentas do século XVIII e XIX é escasso, pois, além do têxtil ser um material frágil, era prática constante, entre os devotos, doar uma nova veste para a imagem de sua devoção em súplica ou agradecimento a uma graça alcançada. Mas, ainda hoje, é possível ver em várias comunidades o uso destas imagens em solenidades e procissões religiosas.

No Brasil, o ofício da restauração esteve ligado durante muitos anos à questão da prática e atualmente há grande discussão a respeito da regulamentação do profissional na área. Como fica a questão da experiência prática frente às novas oportunidades oferecidas pelas universidades em cursos de graduação?

O curso de graduação (bacharelado) está diretamente ligado à regulamentação da profissão, não se reconhece uma profissão se não há uma formação acadêmica sobre ela. A formação de conservadores-restauradores começou na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais em 1978, com o curso de Especialização. Em 1980 foi criado um órgão complementar da Escola de Belas Artes, o Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – Cecor, para dar apoio ao curso. A pós-graduação possuía 30 anos de experiência na formação em nível de especialização, quando o curso de graduação foi criado, em 2008, na Escola de Belas Artes da UFMG.

Nosso bacharelado é de quatro anos e a teoria está em equilíbrio com a prática. É fundamental e necessário que haja cursos de bacharelado, importante como formação primordial de um profissional capacitado para atuar à frente de políticas públicas, gerindo projetos, atuando em pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias para a preservação do patrimônio cultural brasileiro, bem como atuando praticamente em ateliês, obras públicas e privadas, enfim prática e teoria se complementam.

O campo da restauração garante aos profissionais que atuam nele muitas descobertas e surpresas. Qual experiência profissional, até o momento, você destaca em sua carreira?

A experiência mais gratificante na minha vida profissional foi a devolução, após restauração realizada no Cecor, da imagem de Nossa Senhora da Piedade, atribuída a Aleijadinho, à cidade de Felixlândia, em Minas Gerais. A festa surpresa que encontrei por parte da população de devotos não era para receber uma famosa imagem tão valorizada pela mídia em 2001, e sim a Virgem da Piedade que voltava para casa de seus devotos. Emoção inesquecível!

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Teatro Municipal – São João Del Rei

O detalhe desta edição está localizado no alto do prédio que abriga o Teatro Municipal de São João Del Rei. São estátuas com 2,20 metros de altura, representando Apolo, em pé, ladeado por figuras alusivas à poesia e à música, sentadas, obra do escultor Waldemar Rodgonoff.

O Teatro Municipal de São João Del Rei foi inaugurado em 1893, passando por uma grande reforma entre 1922 e 1925. Situado bem no coração da cidade, na Avenida Hermílio Alves, apresenta imponente fachada em estilo greco-romano.

Merece destaque sua espaçosa escadaria, guarnecida, em ambos os lados, de artísticas balaustradas semicirculares. Essa fachada ostenta, no térreo, três majestosas portas romanas; cada uma encimada por um

Acervo Iepha/MG

rosto alegórico esculpido, representando, respectivamente o drama, a comédia e a tragédia. Na fachada também se encontram os nomes dos artistas Alvarenga Peixoto, Severiano de Resende, Rodrigues de Melo, Ribeiro Bastos e Cláudio Manoel.

BLOCO DE NOTAS

| Matriz de Jequitibá

No último mês, foi concluído o escoramento da Igreja Matriz do Santissímo Sacramento, em Jequitibá. As obras emergenciais, custeadas pela prefeitura local e seguindo as determinações técnicas do Iepha, devem garantir a integridade da construção durante a temporada de chuvas e proteger a parede lateral até o início das obras de restauro que já estão em processo de licitação pelo Instituto.

Ao término da restauração, a Matriz do Santíssimo Sacramento se tornará a primeira de Minas a ser preservada dentro do conceito de igreja segura, que contempla o restauro do templo, conservação das imagens, colocação de equipamentos de segurança, elaboração de inventário das peças (que foi entregue ao pároco responsável em abril) e definição de quem ficará com as chaves da edificação.

| Fazenda Samambaia será restaurada

A Minerações Brasileiras Reunidas (MBR), que tem como arrendatária a Vale S.A., assinou neste mês um Termo de Compromisso (TC) com o Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG) para restauração, preservação, proteção e conservação da Fazenda Samambaia, situada em Pedro Leopoldo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Como interveniente, o Iepha assumiu o compromisso de analisar os projetos em prazo máximo de 60 dias e de fiscalizar o cumprimento das obrigações assumidas pela MBR.

A Fazenda Samambaia está situada em uma das regiões pioneiramente exploradas pelos bandeirantes paulistas Fernão Dias Paes Lemes e Borba Gato, em busca de riquezas no final do século XVII. Pertencente à MBR, a propriedade esteve arrendada a terceiros nos últimos 20 anos. Depois de recuperada, passará a integrar o Parque Estadual do Sumidouro, ficando sob gestão do IEF, e provavelmente será transformada em um museu da história bandeirista.

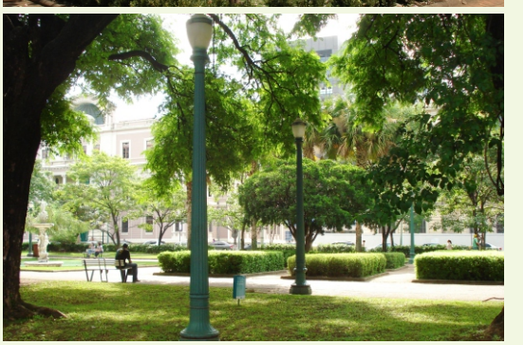
| Mestres e Conselheiros

Entre os dias 17 e 19 de agosto, foi realizado o 4º Fórum Mestres e Conselheiros, na Faculdade de Direito da UFMG. Com o tema *Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento Local*, o encontro contou com um total de 313 participantes. Na conferência de abertura, o arquiteto Marcelo Brito, do Iphan/Brasília, falou sobre o tema geral do fórum apresentando as *Potencialidades e requisitos que podem tornar uma cidade um destino patrimonial*.

O Iepha foi representado na mesa de abertura por Jorge Askar, servidor da Diretoria de Promoção, que, em sua fala, fez um breve balanço do ICMS Patrimônio Cultural. Jorge também fez parte do Comitê Cientifíco do evento encarregado de selecionar as comunicações, vindas de todo o Brasil.

BEM TOMBADO

Praça da Liberdade – Belo Horizonte



Um dos pontos turísticos mais visitados de Belo Horizonte, a Praça da Liberdade se destaca por seus jardins, alamedas, lagos, fontes e monumentos. Sua construção foi iniciada paralelamente à da Nova Capital. Projetada para abrigar a sede do poder mineiro, a praça foi construída sobre uma colina aplainada – hoje encontro de quatro grandes avenidas (Cristovão Colombo, João Pinheiro, Brasil e Bias Fortes). Sua inauguração ocorreu em 12 de dezembro de 1897, juntamente com a de Belo Horizonte.

A praça, em formato retangular, é marcada pela alameda central (Alameda Travessia), que constitui o prolongamento da Av. João Pinheiro, ladeada por palmeiras imperiais que conduz ao Palácio da Liberdade. Separados por esta alameda encontram-se canteiros com gramados, árvores e plantas de cores e espécies diversas, fontes, esculturas, bustos e um coreto em estrutura metálica, projetado em 1904, por Edgard Nascentes Coelho, para ser o Pavilhão da Música.

O Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Praça da Liberdade engloba os Palácios da Liberdade, dos Despachos (futura Casa Fiat de Cultura), Arquiepiscopal Cristo Rei, os antigos prédios das Secretarias de Estado da Fazenda (atual Memorial Minas Gerais – Vale), de Transporte e Obras Públicas (antiga Sec. da Agricultura e atual sede do Iepha), de Educação (antiga Sec. do Interior e atual Museu das Minas e do Metal – EBX) e seu anexo (atual Espaço TIM UFMG do Conhecimento), de Defesa Social (futura sede do Centro Cultural Banco do Brasil), o Solar Narbona, o Palacete Dantas (antiga sede da Sec. de Cultura e futuro Receptivo Museu Inhotim), o Servas (futuro Museu Clube da Esquina), o setor de empréstimos da Biblioteca Pública Luis de Bessa, a residência nº 2287 da Rua da Bahia (antiga sede da Prodemge e futura sede do Servas) e a Praça José Mendes Júnior (em frente ao Palácio dos Despachos).

Ao longo dos anos, o complexo recebeu construções de diferentes estilos arquitetônicos. Em 1920, para a vinda dos reis da Bélgica a Belo Horizonte, houve uma reforma que substituiu o traçado original pelo estilo *Versailles*, de inspiração francesa, introduzindo o geometrismo no desenho dos jardins. Este projeto do arquiteto paisagista Reinaldo Dieberger manteve o coreto e a alameda central com suas palmeiras abolindo, porém, as imitações da natureza nos canteiros da praça.

Em 1969 o trânsito na Alameda Travessia foi suprimido e nas pistas laterais foi implantada a mão dupla. Na década de 1980, pequenas intervenções contribuíram para a sua descaracterização, porém, no início dos anos 1990, a praça foi restaurada com projeto da arquiteta Jô Vasconcelos que tomou como referência o traçado de 1920.

O conjunto tombado da praça possui outros exemplares que, ao longo dos anos, foram construídos e conformam sua paisagem nos dias de hoje: Em 1955, o Edifício Niemeyer; entre os anos de 1956/1961, a Biblioteca Pública Luis de Bessa; em 1959, o Edifício Mape; em meados da década de 1960, o prédio do Ipsemg e o Edifício Campos Elíseos; e, em 1991, o Centro de Apoio Turístico Tancredo Neves (mais conhecido como "Rainha da Sucata", atual sede Administrativa do Circuito Cultural Praça da Liberdade).

Com a mudança das diversas secretarias para a Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves, a partir de 2010, a Praça da Liberdade se transformou no maior circuito integrado de cultura do país, o Circuito Cultural Praça da Liberdade. Atualmente são oito espaços em funcionamento e cinco a serem inaugurados nos próximos anos.

O Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Praça da Liberdade foi tombado pelo Iepha, por meio do Decreto nº 18.531, em 02 de junho de 1977, garantindo sua preservação integral. Grande parte deste conjunto recebeu também o tombamento pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte, em 10 de novembro de 1994.

Patrimônio ferroviário de Minas é um dos maiores do país

De médio porte, estação da cidade de Matozinhos, modelo de construção desenvolvido no trecho Santa Luzia – Sete Lagoas

"Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar, no ar, no ar, no ar"

(O trenzinho do caipira. Poema de Ferreira Gullar a partir da melodia das Bachianas Brasileiras nº2, de Heitor Villas Lobos)

A letra de Ferreira Goulart e a melodia das Bachianas Brasileiras nº2, composta pelo maestro Heitor Villas Lobos, evidenciam o quanto a ferrovia está no imaginário da população brasileira de maneira muito forte e simbólica e de maneira ainda mais especial para os mineiros que a constituíram como elemento de sua identidade.

A implantação do primeiro trecho ferroviário brasileiro se deve, principalmente, às iniciativas do empresário Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá, que contou com o apoio decisivo do imperador Dom Pedro II. A ferrovia era vista como grande indutor para o desenvolvimento econômico do país e funcionaria como elemento de integração das suas regiões, sendo considerada, inicialmente, a necessidade de promover a ligação das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Em Minas, os trilhos da então Estrada de Ferro Dom Pedro II chegaram no início da segunda metade do século XIX, sendo considerada a primeira estação do estado a da cidade de Chiador, na divisa com o Rio de Janeiro, inaugurada em 27 de julho de 1869.

A partir de então o estado mineiro passou a ser cortado, de Leste a Oeste, pelos campos de trabalho de prolongamento desse ramal ferroviário que deveria se estender até o vale do Rio São Francisco para daí partir em direção ao Nordeste e Norte do Brasil. Com a proclamação da República, em 1889, o ramal passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil.

A Central do Brasil, considerada a principal ferrovia do país, em Minas se somou às linhas da Companhia Mogiana (na região Sul e Triângulo Mineiro), Estrada de Ferro Bahia-Minas (região de Teófilo Otoni), Estrada de Ferro Vitória-Minas, Rede Mineira de Viação (antiga Oeste de Minas), Estrada de Ferro Leopoldina, Estrada de Ferro Sapucahy e Estrada de Ferro São Paulo-Minas. Todos esses ramais pontilharam o estado com a presença de complexos ferroviários que variavam pelo porte de cada estação e pelo nível de economia gerado no entorno de cada uma delas.

O transporte ferroviário teve grandes incentivos até a chegada das primeiras fábricas de automóveis, implantadas no Brasil na década de 1950. A partir daí o transporte rodoviário alcançou mais relevância e incentivos e foi substituindo gradativamente a função, até então ocupada pela ferrovia, na logística de transportes do país. Nesse período, surgiu, em 1957, a Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA) com a proposta de consolidar as 18 ferrovias regionais no objetivo de promover os interesses do governo federal no setor. A Rede foi dissolvida em 1999.

Estação de Augusto de Lima, inaugurada em 1914, no trecho Corinto – Montes Claros

Antiga estação e sede da Estrada de Ferro Goiás se destaca no cenário urbano de Araguari com sua arquitetura palaciana

O legado das ferrovias

Desde a liquidação da Rede Ferroviária, a preservação da chamada memória ferroviária vem sendo discutida por diversos setores da sociedade. Com grande documentação acumulada, que reúne inclusive os projetos dos ramais ferroviários, e um patrimônio arquitetônico expressivo, os testemunhos desse setor de transportes é um dos maiores do país.

À medida que os ramais ferroviários eram implantados no Brasil, uma linguagem arquitetônica associada, principalmente, ao gosto do estilo eclético, era desenvolvida nos prédios do complexo ferroviário. Dependendo da importância da localidade e das transações realizadas, esse complexo recebia diferentes equipamentos.

Algumas localidades implantaram construções de menor porte, sendo suas funções ligadas basicamente à parada para embarque e desembarque de passageiros ou transporte de mercadorias em menor escala. Não menos importantes, essas edificações também são testemunhos da dinamicidade do transporte ferroviário. Geralmente essas estações estão localizadas em pequenos distritos e fazendas que, muitas vezes rurais, estavam afastados dos grandes centros urbanos.

No complexo ferroviário da cidade de Ribeirão Vermelho – que, atualmente, recebe a visita dos técnicos do Iepha para a avaliação final do seu tombamento em nível estadual – tem-se um conjunto considerado de médio porte. Ali, além da grande rotunda (a maior da América Latina), foram construídos diversos equipamentos no entorno como os prédios das oficinas de manutenção, posto médico, restaurante, conserva externa (destinada aos serviços de vistoria e revisão das locomotivas e vagões em viagens), estação radiotelegráfica, casa do agente e armazém de baldeação (utilizado como depósito das mercadorias transportadas). As oficinas chegaram a empregar, em determinado período, cerca de 800 pessoas. A estação de Porto Novo, em Além Paraíba, também se destacou como um dos prédios de estação mais bonitos do Brasil, e no conjunto se destaca, no mesmo estilo do prédio ferroviário, instalações para um hotel e restaurante.

Um trem de ferro é uma coisa mecânica,
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
Atravessou minha vida,
Virou só sentimento.

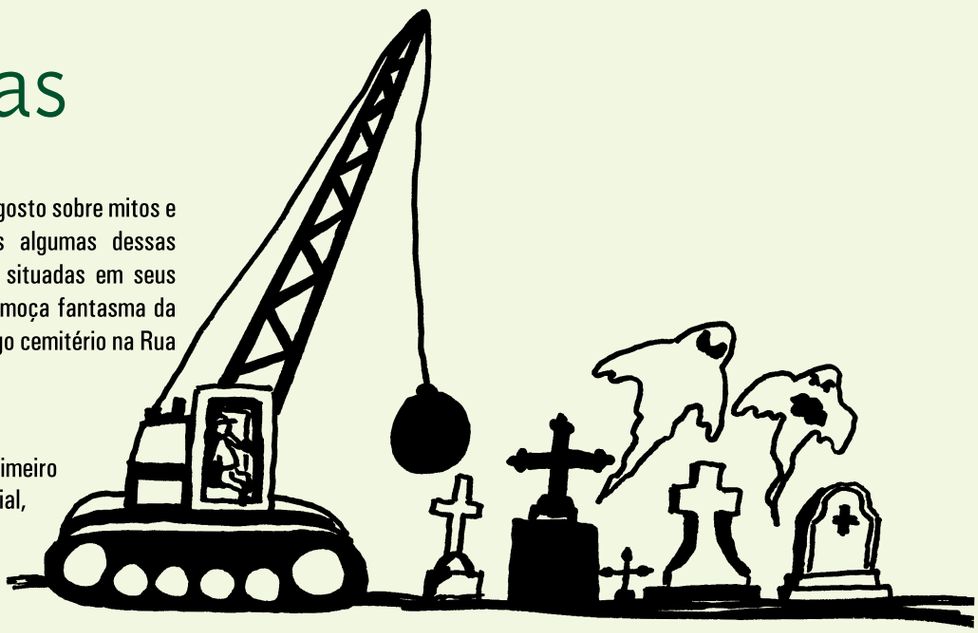
(Adélia Prado)

Já as localidades em que se concentravam os principais entroncamentos entre ramais e as grandes cidades recebiam construções assemelhadas a palácios, em que o requinte e a sofisticação eram empregados para a valorização dos prédios. Prova disso são as estações de cidades como Juiz de Fora, Belo Horizonte e Araguari, que se destacam pela monumentalidade. Em Juiz de Fora, o prédio da nova estação da Central do Brasil foi inaugurado em 1906, em substituição à construção primitiva, e seu projeto apresentou a proposta de uma sala de espera reservada às senhoras. O prédio representou um marco no progresso da cidade e passou a dominar o cenário urbano em que se sobressai uma grande torre com relógio. Na cidade se destaca ainda o prédio da Estação Leopoldina, onde funciona atualmente o Museu Ferroviário.

Além das estações, o projeto das residências destinadas aos ferroviários também recebiam atenção especial e tinham em sua construção o emprego dos mesmos materiais importados utilizados nos prédios administrativos. Nessas edificações ainda é possível encontrar telhas francesas originárias da Marselha, e madeiras nobres que foram utilizadas em assoalhos, forros, portas e janelas. O complexo de Ribeirão Vermelho teve parte de sua estrutura metálica importada de Glasgow, na Escócia. Em algumas localidades os projetos das residências eram diferenciados de acordo com a posição do funcionário que as ocuparia.

Em 2007, com a promulgação da Lei Federal nº 11.483, os bens imóveis da extinta RFFSA foram transferidos para a União, cabendo ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan – o recebimento e a administração dos móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural.

Lendas urbanas



Dando continuidade à matéria publicada na edição de agosto sobre mitos e lendas do folclore mineiro, mostramos aqui mais algumas dessas histórias. Desta vez o foco é Belo Horizonte e cidades situadas em seus arredores. Neste exército de fantasmas urbanos estão a moça fantasma da Savassi, o Capeta da Vilarinho e as almas errantes do antigo cemitério na Rua São Paulo, em Belo Horizonte.

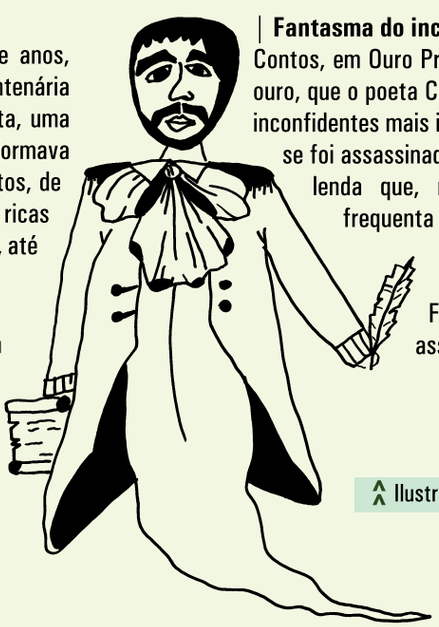
| **As almas da Rua São Paulo (Belo Horizonte)** — O primeiro cemitério de Belo Horizonte, ainda dos tempos de arraial, ficava no cruzamento das ruas São Paulo e Tamoios com Avenida Amazonas, ao lado de sua primeira igreja, a Capela de Nossa Senhora do Rosário, no Centro. No início dos anos 1920, precisou-se do terreno para a construção do Orfanato Santo Antônio. As tumbas foram reviradas e os ossos removidos. Os mortos não gostaram. Revoltaram-se e, durante muito tempo, assombravam quem passava pela esquina, principalmente à noite. Dizem que as rezas e novenas na capelinha, erguida em 1897, os acalmaram.

| **A noiva do Carmo (Sabará)** — O Cemitério do Carmo fica em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, construção do século 18, em Sabará, Grande BH. Em uma tarde do século passado, uma bonita moça, loura, de olhos azuis, casava-se na igreja, e, ainda no altar, sentiu-se mal e caiu morta. Numa madrugada, um operário do turno da noite da antiga Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira voltava do trabalho e viu uma loura vestida de noiva na porta da igreja. Puxou conversa. A loura, então, disse que precisava ir em casa trocar de roupa e entrou no cemitério. O homem, apavorado, saiu gritando. Os vizinhos o acudiram e foram ao cemitério verificar a história. Acharam o vestido de noiva sobre um túmulo.

| **A mulher da Rua Direita (Mariana)** — Conta-se que, durante anos, moradores e turistas viam à noite, nas ruas da histórica e tricentenária Mariana, na Região Central do estado, principalmente na Rua Direita, uma mulher em roupas esfarrapadas. Quando se aproximavam, ela se transformava em uma dama elegante, de roupas finas e cobertas de joias. Os relatos, de acordo com os folcloristas, a apontam como a alma de uma das ricas senhoras dos tempos da corrida do ouro. Dizem que, de vez em quando, até os dias de hoje, ela ainda aparece.

| **O capeta da Vilarinho (Belo Horizonte)** — Nos anos de 1980, um rapaz bonito, bem vestido e de chapéu frequentava os bailões da Avenida Vilarinho, no Bairro de Venda Nova, Região Norte de BH. Apresentava-se como Alex. Conta-se que era exímio dançarino e encantava as moças com sua elegância. Os rapazes do lugar se ruíam de ciúme com o sucesso do forasteiro. Uma noite, por descuido, o chapéu do moço caiu, deixando à mostra um pequeno par de chifres. As moças gritaram e os rapazes correram atrás do estranho, a fim de surrá-lo. Ele tinha os pés para trás e desapareceu numa nuvem de fumaça.

| **Moça Fantasma de Belo Horizonte** – Reza a lenda que, certa madrugada, um rapaz voltando da farra, permaneceu por longas horas num ponto de parada de ônibus, em local ermo. Ao longe, ele viu surgir uma bela mulher que lentamente se aproximou e também ficou a esperar pela condução. De repente, ela voltou-se para o moço e, encarando fixamente seus olhos, indagou: "Você acredita em fantasma?". Animado pela bela figura feminina, ele rapidamente respondeu que não, pensando em esticar outros assuntos. "Pois eu acredito", disse a beldade, desaparecendo em seguida para pasmo do jovem.



| **Fantasma do inconfidente (Ouro Preto)** — Foi na Casa dos Contos, em Ouro Preto, antigo local de pesagem e fundição de ouro, que o poeta Cláudio Manoel da Costa morreu. Era um dos inconfidentes mais influentes e há dúvidas se ele se suicidou ou se foi assassinado pelas forças da coroa portuguesa. Reza a lenda que, nas madrugadas, Cláudio Manoel ainda frequenta o casarão, hoje centro de cultura mantido pelo Ministério da Fazenda. De acordo com o jornalista e estudioso do folclore Carlos Felipe, há quem jure que o viu andando sobre o assoalho recitando seus poemas.

Ilustrações: Ludymila Toledo